

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sueli Gonçalves dos Santos Souza

EJA: A ALFABETIZAÇÃO DO ADULTO E SUAS INTERDIÇÕES

BELO HORIZONTE
2019

Sueli Gonçalves dos Santos Souza

EJA: A ALFABETIZAÇÃO DO ADULTO E SUAS INTERDIÇÕES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Profª Drª Grazielle Ramos Schweig

**BELO HORIZONTE
2019**

S729 TCC	<p>Souza, Sueli Gonçalves dos Santos, 1971- EJA [manuscrito]: a alfabetização de adultos e suas interdições / Sueli Gonçalves dos Santos Souza. - Belo Horizonte, 2019. 50 f.</p> <p>Orientadora: Grazielle Ramos Schweig.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação de jovens e adultos . 2. Educação de jovens e adultos – Metodologia. 3. Alfabetização de adultos. 4. Currículos. 5. Freire, Paulo, 1921-1997. 6. Educação de adultos. 7. Evasão escolar na educação de adultos. 8. Educação – Finalidades e objetivos. 9. Educação popular. 10. Pedagogia crítica. I. Schweig, Grazielle Ramos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 374</p>
-------------	--

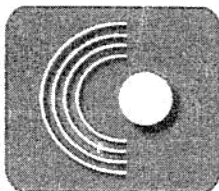
Catalogação na Fonte^{*} : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária[†]: Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[‡].)

^{*}Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."


[†] Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

[‡] Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."

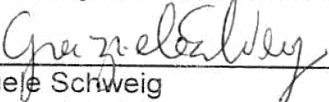


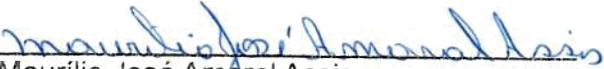
**ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO
TRABALHO FINAL DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE
EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**


Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “EJA: a alfabetização do adulto e suas interdições”, do(a) aluno(a) Sueli Gonçalves dos Santos Souza. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Grazielle Schweig (orientador) e Maurílio José Amaral Assis. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 97, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) 
Sueli Gonçalves dos Santos Souza

Registro na UFMG: 2018752078


Grazielle Schweig
Professor(a) Orientador(a)


Maurílio José Amaral Assis
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)


Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da minha fé, pela saúde e por me permitir chegar até aqui.

Ao meus pais Raimundo Efrem (in memoriam) e Ana Maria, pelos ensinamentos, carinho e incentivo.

Aos meus filhos Laís, Matheus e Raphael, pelo amor e por serem a minha grande motivação.

Ao meu querido esposo Carlos Roberto, pelo amor, apoio e companheirismo.

À Professora Graziela Schweig, minha orientadora, pela paciência e dedicação.

Aos professores e coordenadores do curso, pelo comprometimento.

Aos meus colegas da Especialização, pela amizade e respeito.

À Gestão Pedagógica, docentes e discentes da Escola Municipal Francisca Alves, que me acolheram com tanto carinho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse projeto.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por finalidade contribuir para a prática pedagógica do professor alfabetizador do adulto, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fundamentando-se em uma pesquisa bibliográfica sobre a pedagogia freiriana e dos autores que dialogam com Paulo Freire, é possível refletir sobre a importância de garantir ao estudante da EJA o acesso, permanência e conclusão nesta modalidade de ensino. A partir de rodas de conversa, foi possível colher informações e analisar os fatores interditórios que acabam levando o estudante a abandonar a escola, bem como discutir com os docentes e com a gestão pedagógica as estratégias e as possibilidades para implementação de cada uma delas, visando o combate e/ou prevenção deste abandono. O resultado desta intervenção foi muito satisfatório, haja vista que foi possível propor ações concretas para implementação de cada estratégia proposta pelos docentes.

Palavras-chave: EJA, Paulo Freire, alfabetização do adulto, abandono escolar, currículo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 JUSTIFICATIVA	10
3 OBJETIVOS	11
4 REVISÃO TEÓRICA	12
4.1 Fatores Interditórios	14
4.2 Alfabetização na EJA: A Contribuição de Paulo Freire.....	18
4.3 Políticas Públicas: O Direito à Educação para Todos	24
5 CONTEXTUALIZAÇÃO	26
5.1 Perfil da Escola	26
5.2 Perfil da Turma	28
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
6.1 Diagnóstico/Avaliação Inicial	30
6.2 Etapas de Realização	30
7 DESCRIÇÃO DA REALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	34
7.1 Oficina 1: Encontro com os Estudantes	34
7.2 Oficinas 2 E 3: Encontro com os Professores e Coordenação Pedagógica.....	34
7.2.1 Estratégias propostas pelos Docentes	38
7.3 Oficina 4: Encontro com a Gestão Pedagógica	39
7.4 Oficina 5: Pactuando as ações com a Gestão Pedagógica.....	40
8 REFLEXÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
8.1. Avaliação dos dados coletados	43
8.2 Avaliação coletiva do Plano de Ação	46
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

**"Uma educação sem esperança não é educação."
(Paulo Freire)**

Inicialmente apresento a expressão escolhida para compor o título deste trabalho de pesquisa – interdições. Recusando o termo “evasão”, fundamentada em Freire, adoto o conceito de “interdição” ao analisar os fatores que interditam, inibem, impedem o estudante adulto ao longo do seu processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, levando-o a abandonar a escola, deixando para trás seus sonhos e projetos. Deixam a escola não porque querem, como pode ser interpretado no fenômeno da evasão, mas porque precisam se ausentar por fatores internos ou externos à escola.

Em primeiro lugar, eu gostaria de recusar o conceito de “evasão”. As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola – não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal, expulsa estes ou aqueles ou os reprove. É a estrutura mesmo da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso a que têm direito. (FREIRE, 2006, p. 35)

A educação é um direito legítimo a todos os cidadãos garantido pela Constituição Federal de 1988, pelos tratados internacionais em que o Brasil é signatário, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como pelas leis nacionais de educação. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade de ensino regulamentada pela Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), e destinada às pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade aos estudos na idade regular. O Poder Público deve oferecer as condições para entrada, permanência e conclusão dos estudos destes cidadãos. O Parecer nº 093/02 do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte (CME/BH), institui as diretrizes para a educação de jovens e adultos, sob a forma presencial, e assegura esse direito a estes sujeitos nas escolas da rede municipal de Belo Horizonte.

Ao analisar a prática do professor alfabetizador do adulto/idoso atualmente, percebe-se uma angústia por parte do docente pelo fato de alguns alunos ficarem anos ali, não

demonstrarem grandes avanços, e alguns abandonarem a escola frustrados. Outros permanecem, mas parecem estagnados no processo de alfabetização. A angústia do docente é não saber o que fazer com este sujeito e, muitas vezes, tendo consciência de que precisa repensar a metodologia, o currículo e suas práticas pedagógicas, sente-se despreparado e sem apoio para tal mudança, além de não possuir tempo hábil e recursos financeiros para pesquisas, discussões e especializações.

É necessário refletir sobre as hipóteses dos fatores de interdições do estudante adulto/idoso, que os impedem de serem bem sucedidos e concluírem o processo de alfabetização que, a priori, aparecem como: por parte da escola, o tratamento infantilizado, a metodologia e o currículo descontextualizados; por parte do discente, a saúde física e mental, o cansaço, a dificuldade para conciliar o trabalho e os estudos, o constrangimento, a falta de incentivo familiar, dentre outros. O objetivo deste trabalho é contribuir para a prática pedagógica do professor alfabetizador do adulto/idoso, na tentativa de trazer respostas ao problema: Quais estratégias utilizar para a obtenção do sucesso no processo de alfabetização do adulto/idoso, tendo em vista as interdições que o impedem de concluir?

Para responder a essa questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e analisadas as fundamentações teóricas do autor Paulo Freire, referência na alfabetização de adultos, suas experiências e conclusões sobre como alfabetizar o adulto/idoso. Também foram feitos alguns contrapontos com outros autores que dialogam com as ideias de Freire, além da revisão de alguns estudos que identificam as causas da permanência e abandono na EJA. A partir disso, um plano de ação foi construído tendo como foco um diagnóstico sobre as interdições ao estudante adulto/idoso para a sua conclusão na EJA, bem como a elaboração de estratégias preventivas ao abandono escolar e das ações concretas para implementá-las.

O plano de ação foi desenvolvido com os docentes e discentes das turmas da EJA, 1º Segmento, ou seja, turma inicial de alfabetização, com estudantes não alfabetizados ou que ainda não completaram o processo, da Escola Municipal Francisca Alves (EMFAL). A EMFAL integra a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME/BH), e visa garantir uma aprendizagem que possibilite a construção de habilidades e competências que assegurem a inclusão, a permanência e o sucesso do estudante em sua trajetória

educacional e social, formando cidadãos competentes e participativos através do desenvolvimento de suas potencialidades.

A partir da minha experiência, de vários anos trabalhando em turmas de alfabetização de jovens e adultos, percebi que estes estudantes são adultos e idosos que, geralmente, tiveram que abandonar os estudos para trabalhar, cuidar dos afazeres domésticos, casar-se, entre outros; ou até mesmo nunca tiveram a oportunidade de frequentar os bancos escolares por morarem em locais de difícil acesso, como na roça, por exemplo. Pessoas trabalhadoras ou aposentadas; muitos vão direto do trabalho, cansados, precisam encontrar na escola uma metodologia, um currículo e práticas que os motivem e o façam discutir e repensar a sua realidade. Docentes comprometidos, que estão na luta por uma escola de qualidade na EJA também, mas, alguns, angustiados por não saberem como fazer melhor, e até mesmo frustrados ao verem seus alunos com pouco ou nenhum avanço no processo de alfabetização, acarretando o abandono escolar.

2 JUSTIFICATIVA

Pesquisar e refletir sobre a alfabetização do adulto/idoso e as interdições que lhe impedem de concluir o processo, dentro da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é de fundamental importância para que o professor alfabetizador possa repensar as suas ações e busque novas estratégias para a sua prática pedagógica. Objetivando contribuir para que os sujeitos, que pouco ou nada conhecem das letras, não continuem tendo seu direito lesado, e que os educandos possam somar à leitura que já fazem do mundo a leitura da palavra, como bem nos ensina Freire.

Ressalta-se que a realidade enfrentada por estes alfabetizadores é de grande angústia e frustração, pois sabedores que a EJA é uma modalidade específica e diferenciada, que exige currículo, metodologia, materialidade e práticas pedagógicas que respeitem as especificidades destes estudantes, encontram barreiras diversas para a mudança, como não saber o que e como fazer.

O Parecer nº 093/02, do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte, orienta sobre a importância de as propostas pedagógicas serem formuladas de acordo com as diversas faixas etárias do público da EJA.

A situação diferenciada entre as faixas etárias que definem o público da EJA requer propostas pedagógicas em consonância com essa realidade.[...] Ao mesmo tempo, tratar a idade adulta no âmbito da adolescência significa não assumir a responsabilidade pela formação educativa, no âmbito escolar, desses sujeitos. Sendo assim, é necessário que a escola reconheça as diferentes faixas etárias que compõem a EJA e empreenda projetos políticos-pedagógicos que estejam atentos às questões que afetam a idade de formação do adolescente presente na EJA e, adequados, às especificidades do jovem e do adulto, sujeitos, no contexto escolar. (Parecer nº093/02 CME/BH)

Daí a importância desta pesquisa, contribuir para a prática do alfabetizador do adulto/idoso, refletindo sobre as mudanças necessárias para que os estudantes sejam alfabetizados para além da codificação-decodificação de símbolos, para que possam analisar criticamente a realidade que os cercam e transformá-la, afinal a educação deve ser emancipatória, libertadora e revolucionária como nos ensina a pedagogia freiriana.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Contribuir para a prática pedagógica do professor alfabetizador do adulto/idoso, a partir de estratégias que deem condições para o estudante permanecer na EJA e concluir o curso.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar a realidade do adulto, estudante da EJA, e suas interdições para conclusão.
- Estudar as causas da infrequência e do abandono escolar na EJA.
- Dialogar com os professores sobre a história de vida dos estudantes e as interdições identificadas.
- Discutir com os docentes e gestão pedagógica estratégias para o combate ao abandono escolar.

4 REVISÃO TEÓRICA

Paulo Freire, o autor escolhido como fundamentação teórica para este estudo, é uma grande referência na alfabetização de adultos. Possui vários experimentos e práticas pedagógicas, no Brasil e no mundo, que podem contribuir de forma significativa para a práxis docente, conforme o próprio autor propõe, através da ação-reflexão.

Este trabalho irá se ater no questionamento de professores alfabetizadores do adulto/idoso na Educação de Jovens e Adultos: Quais estratégias utilizar para a obtenção do sucesso na alfabetização do adulto/idoso, tendo em vista as interdições que o impedem de concluir o processo? Para tal, foram analisados os referenciais teóricos para a alfabetização do adulto/idoso, levantados os fatores interditórios para que o educando aprenda a ler e a escrever na EJA, e, por fim, apontadas algumas estratégias preventivas ao abandono, bem como as ações concretas para implementá-las.

O Parecer nº 093/02 do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte discorre sobre a importância do entendimento de um novo conceito de alfabetização do adulto/idoso, que vai além da codificação e decodificação de códigos linguísticos, e que a EJA não se limita ao ato de alfabetizar e letrar.

A ideia de que a alfabetização refere-se à aquisição dos códigos linguísticos não consegue mais se sustentar. Os movimentos de aprendizagem da leitura e escrita vêm incorporando, a visão da alfabetização como um processo mais amplo que incorpora o uso social dos códigos de linguagem elaborados pela humanidade ao longo de sua trajetória sobre o planeta. São movimentos em que as múltiplas linguagens, assim como a língua, são objetos do conhecimento. Novos significados para as práticas escolares em relação à alfabetização estão sendo construídos, mas deve-se atentar para o fato de que a educação de jovens e adultos não se limita à alfabetização e letramento. O direito à educação é mais amplo, pressupõe uma educação “para toda a vida”, ainda que os sujeitos estejam todos alfabetizados. A condição de analfabeto não imprime ao sujeito a qualidade de ignorante e não representa um obstáculo à consciência de seu papel social. Um movimento a ser feito é a busca por vincular a educação escolar de jovens e adultos à pluralidade de espaços educacionais de formação vivenciados, possibilitando ao educando da EJA, no espaço escolar, o convívio social, o seu desenvolvimento pleno, como jovem e como adulto (Parecer nº093/02 CME/BH).

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, traz o seguinte conceito de alfabetização e letramento.

[...] alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala. [...] o letramento é "o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (BELO HORIZONTE/UFMG/2014)

Os estudantes da EJA são pessoas que foram excluídas na e/ou da escola, tais como: mulheres e homens; adolescentes, adultos e idosos; pessoas negras, brancas, pobres, com e sem deficiência, sem e com transtorno de comportamento ou aprendizagem; integrantes de grupos de trabalhadores, religiosos, dirigentes de associações; adolescentes que estão ou já estiveram em liberdade assistida; adultos que já tiveram sua liberdade privada e tentam ressocializar-se; são vendedores ambulantes, artesãos, profissionais de construção civil; cozinheiros, faxineiros, porteiros, mecânicos, cabeleireiros, manicures; autônomos, assalariados, aposentados, desempregados ou na condição de inválidos/inaptos ao trabalho; dependentes químicos, em tratamento ou não; alfabetizados e não alfabetizados, que não frequentaram a escola na idade regular, que tentam ver seu direito à escolarização não apenas garantido pela legislação, mas reconhecido. São moradores do bairro onde a escola está localizada ou nas imediações.

Estes sujeitos, embora às vezes, não tenham o domínio sobre a codificação/decodificação dos códigos linguísticos, se expressam no mundo de forma participativa, como líderes sindicais ou de trabalho, de associação de bairro ou religiosos. Outros, mais timidamente, seguem a sua vida apenas reproduzindo ou obedecendo a comandos que recebem, não se apropriam do seu direito de opinar ou reivindicar mudanças, pois acreditam que já têm o que merecem.

A importância de saber ler e escrever não reside na possibilidade de ler um manual de instruções do forno de micro-ondas, ou para que saibamos trabalhar em um computador. A importância que nos referimos inclui, sim, esses aprendizados, mas é muito maior e mais complexo do que isso. Infinitamente maior. Estamos falando de cidadania, da capacidade de cada pessoa (re)criar ou modificar o mundo em que vive. (BORGES, 2005, p.16)

Barreto (1998) discorrendo sobre o conceito de alfabetização, a percepção do não alfabetizado e papel do educador nesse processo, cita um trecho de uma carta de Paulo Freire .

Veja, a pessoa chamada analfabeta, que não sabe ler nem escrever, sente como nós, a coisa, pegando-a ou não, percebe e fala, só não escreve, portanto não lê também. Alfabetizar, num sentido bem direto, é possibilitar que as pessoas a quem

falta o domínio desta operação criem este domínio. Por mais importante — e é muito importante — o papel da educadora ou do educador na montagem deste domínio, o educador não pode fazer isto em lugar do alfabetizando. A alfabetização é um ato de criação de que fazem parte o alfabetizando e o educador. O educador é fundamental. Ele tem mesmo que ensinar desde porém que jamais anule o esforço criador do alfabetizando. (BARRETO, 1998, p.76-77)

Desta forma, esses sujeitos produzem sua existência de forma criativa, pois precisam lutar contra uma sociedade excludente, que lhe traz pouca ou nenhuma possibilidade profissional, já que não possuem um nível de escolaridade que atenda às exigências do mercado de trabalho. Alguns apelam para os seus dotes ou habilidades, outros tentam se profissionalizar a partir do conhecimento que recebem de alguém, que consideram saber mais que eles.

4.1 Fatores Interditórios

Na dissertação *Evasão e Permanência na EJA: Por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte* (FARIA, 2013), a autora aborda a necessidade de elaborar uma proposta específica para a Educação de Jovens e Adultos, quanto à organização, linguagem, currículo, formas de avaliações, sempre na perspectiva das vivências, especificidades e modos de aprendizado do educando. A avaliação deve ser contínua, processual, coletiva, sistemática e flexível. Enfatiza a necessidade de trabalhar a autoestima dos sujeitos da EJA, promovendo-os à condição de autores/atores do processo de aprendizagem e exercício da cidadania, a importância da acolhida e escuta dos sujeitos pela escola, além de compreender as suas especificidades, bem como romper a lógica disciplinar de organização por área de conhecimento.

A autora cita a implementação de alguns projetos executados de contextualização da metodologia da EJA, a partir de temas de interesse dos estudantes, tais como: movimentos sociais e educação comunitária, história e cultura da África e dos afrodescendentes e meio ambiente. Ao final, publicaram suas experiências em revistas para abertura e consolidação de discussões, visando a aproximação de um currículo da escola de acordo com as necessidades dos alunos.

Faria (2013) relata sua experiência em palestras, excursões e projetos com temáticas diversas como meio ambiente, culturas africanas, movimentos sociais, literatura, para o desenvolvimento do gosto pela leitura e como proposta de formação para os docentes.

Para a autora, o público da EJA é composto por jovens, adultos e idosos com diferentes trajetórias; que já estudaram e tiveram que interromper por motivo de trabalho, questões familiares ou desinteresse; foram reprovados antes de abandonarem a escola; possuem problemas de saúde mental ou deficiência; são usuários de drogas ou tentam fazer da escola um espaço para o tráfico; voltaram à escola por motivo de exigência do mercado de trabalho; são pais e familiares do período diurno; fazem parte de uma diversidade de público marcada pela diferença geracional; geralmente são mais mulheres do que homens.

Faria (2013) reflete sobre os processos que levam o aluno da EJA a abandonar a escola e aponta a necessidade de ações na escola que possibilitem o acesso e a permanência do estudante até a sua certificação, com atividades significativas. Apresenta como causas para o abandono, a partir da conclusão de sua pesquisa:

a) como fatores externos, aqueles relacionados à condição social dos alunos e sua participação na sociedade: o ingresso no mercado de trabalho, como principal motivo; o aumento de oferta de trabalho temporário no comércio, no final do ano; o cansaço e a dificuldade em conciliar estudos e trabalho; horário de trabalho incompatível com o da escola; a distância entre o trabalho e a escola; a mudança de bairro, a distância entre a escola e a residência; não ter condições de pagar passagem para o transporte até à escola; doença na família; o medo de fracassar; momento de violência no bairro; questões específicas das alunas, como dupla jornada de trabalho (trabalho/casa), cuidado com os filhos e netos, submissão ao marido que a proíbe de frequentar a escola ou não a apoia, represália de companheiros e ex-maridos que não concordam com a sua volta aos bancos da escola, gravidez; como fatores específicos dos homens, a necessidade de aumento da jornada de trabalho e o histórico de fracasso, que o desmotiva a continuar;

b) como fatores internos, ou seja, ligados à ação da escola no seu fazer pedagógico e administrativo: metodologias descontextualizadas, dificuldades em acompanhar o conteúdo; falta de acolhida por parte dos professores; atrasos constantes do professor; horário de funcionamento da secretaria não atendia o público, o que inviabilizava a matrícula e rematrícula; avaliações diagnósticas com letras muito pequenas e/ou aplicadas ao estudante não escolarizado, gerando constrangimento; o conflito geracional no convívio de alunos jovens e adultos/idosos; nos ciclos da alfabetização: a rotatividade dos professores, muitos professores na turma e o trabalho não voltado para o anseio dos

alunos de aprender a ler e a escrever; na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o desinteresse, sendo que o maior número de abandono se dá nas idades de 15 a 18 anos e de 19 a 29 anos, pois a escola não corresponde aos anseios desses grupos.

Concluindo, Faria (2013) aponta algumas propostas de estratégias para garantir a permanência do estudante na EJA, tais como: levantamento dos dados para melhor conhecer os alunos, diálogo com os profissionais da escola sobre os fatores que dificultam a entrada e a permanência do jovem, adulto e idoso na escola; comunicação com os alunos que se afastaram a fim de facilitar o seu retorno; monitoramento da frequência de todas as idades, com estratégias sistemáticas para os que apresentarem faltas; buscar meios para sanar as dificuldades na aprendizagem do conteúdo; apresentar diferentes recursos de aprendizagem aos educandos, bem como uma metodologia contextualizada; envolver todos os setores da escola da portaria à biblioteca para o acompanhamento dos processos escolares; garantir que a escola seja um espaço para a produção artística e práticas esportivas, observando as especificidades de cada público; possibilitar aos estudantes o acesso a diferentes culturas, em espaços diversos da cidade; conhecer as expectativas dos estudantes em relação ao curso da EJA e adequar o currículo; investimento do Poder Público em formação dos docentes, chamada pública dos estudantes e ampla divulgação das vagas por parte da Secretaria de Educação, transporte escolar para os estudantes da EJA e espaço para as mulheres deixarem seus filhos enquanto estudam; fortalecimento da equipe de trabalho escolar; utilizar os diversos espaços da escola como facilitador da aprendizagem e garantir o funcionamento da EJA, tais como: o laboratório de informática, a secretaria, a biblioteca, a quadra de esportes; participação dos estudantes e profissionais na avaliação da escola, propor melhorias e fazer críticas.

Moreira (2014) em sua monografia Educação de Jovens e Adultos (EJA): uma reflexão sobre o abandono escolar, aborda, ao refletir sobre o currículo e o trabalho pedagógico na EJA, a necessidade de que sejam considerados a flexibilidade, as condições de vida do aluno/trabalhador, o trabalho do estudante e seus interesses ao estar ali. A partir de uma pesquisa realizada com os alunos do 1º Segmento, no Centro-Oeste, em 2007, sobre o que leva o sujeito da EJA a abandonar a escola, aponta como possíveis causas:

a) fatores externos à escola: dificuldade em conciliar o trabalho e os estudos, a escola e a família, os estudos e o lazer; incompatibilidade do horário de trabalho e escola; horário incompatível com os afazeres domésticos; falta de policiamento e segurança;

desinteresse e indisciplina por parte do aluno; problemas de saúde; instabilidades da adolescência; desinteresse dos pais, em relação ao destino dos filhos; violência; distância entre a escola e residência/trabalho;

b) fatores internos à escola: Má formação, despreparo e/ou ausência de motivação por parte dos professores; falta ou inadequação dos recursos didáticos; inadequação da metodologia e do currículo para as especificidades da EJA; ausência de políticas públicas adequadas para garantir a permanência destes alunos; escola não atrativa, autoritária e insuficiente; agressão entre alunos; dificuldade em acompanhar o conteúdo; ausência de articulação com o ensino profissionalizante; não valorização das vivências dos alunos; linguagem inadequada, infantilizada; métodos descontextualizados; aulas desmotivadoras; iluminação inadequada na sala de aula; ausência de lanche, pois vão direto do trabalho e não têm tempo para alimentar; falta de professores; má adaptação da escola aos alunos, com carteiras não adequadas ao aluno adulto/idoso da EJA; falta de pessoal de apoio para o bom funcionamento da EJA, como por exemplo, faxina e funcionário na biblioteca.

Moreira (2014) descreve o perfil dos alunos da EJA como trabalhadores ou não trabalhadores; população do campo, indígenas, quilombolas; com 15 ou mais anos; jovens em liberdade assistida; que buscam melhores condições de vida; querem melhorar a autoestima; que estão dispostos a vencer as barreiras da exclusão do sistema educacional. E apresenta como estratégias para garantir a permanência do estudante da EJA a importância de conhecê-lo, suas vivências e expectativas, bem como de valorizá-los; de criar condições para possibilitá-los a prosseguirem os estudos, procurando sanar suas dificuldades.

Costa (2012), em seu artigo Formação Política e Trabalho: uma proposta reflexiva de contextualização na EJA, socializa o projeto EJA Contextualizada, desenvolvido na Comunidade de Assentamento Cajueiro, no Piauí, em 2009. O currículo é baseado em três dimensões: na formação básica, com disciplinas como português e matemática, dentre outras; na formação técnica, com os conhecimentos para o mundo do trabalho; e na formação política, para uma consciência crítica e reflexiva. Estão inseridos na proposta curricular para a EJA o compromisso com a formação de jovens e adultos e as condições para o exercício da cidadania, numa perspectiva emancipatória. Os conteúdos são trabalhados de forma interdisciplinar, integração de temas diferentes pelas diferentes disciplinas e multidisciplinar, diferentes temas numa mesma disciplina. O projeto tem por

finalidade elaborar e experimentar uma metodologia inovadora à EJA, baseada nos pressupostos da Educação Popular defendidos por Paulo Freire; superar a escola que encerra função em si mesma; trabalhar com maior importância os conhecimentos sobre a vida desses sujeitos; propor maior valorização da cultura local como ponto de partida para a cultura geral.

A autora descreve o público da EJA como alunos de classes populares; que estudam em escolas públicas; que lutam contra a exclusão social, na busca da sobrevivência e inserção no mundo do trabalho; que não conseguiram ser promovidos de uma série a outra; que não ingressaram na escola em tempo convencional; que possuem o cognitivo com ritmos de aprendizagens diferentes entre o jovem, o adulto e o idoso; e que vivem, culturalmente, jovens e adultos/idosos, realidades diferentes.

A contextualização do processo ensino-aprendizagem, segundo Costa (2012), é fundamental para possibilitar uma formação significativa, pois aproxima o cotidiano, a comunidade e a prática social dos alunos aos saberes escolares. Para tal é necessário conhecer, dialogar, registrar os temas geradores e realizar o círculo de cultura. Sendo assim, a aprendizagem ocorrerá de forma significativa, participativa e autônoma. Essa perspectiva se aproxima às ideias de Paulo Freire, como veremos adiante.

4.2 Alfabetização na EJA: A Contribuição de Paulo Freire

Segundo Freire (1980), a alfabetização de adultos é um ato criador, no qual ele tem a possibilidade de levar o educando a refletir e criar o seu conhecimento na leitura e na linguagem escrita, podendo transformar a sua realidade. Por isto o educador, deve ser cauteloso ao auxiliar o alfabetizando, sujeito desse processo, para não impedir a sua criatividade e responsabilidade. Quando o educando chega à escola traz consigo ricas vivências que deverão ser valorizadas e utilizadas na prática pedagógica. A sua leitura do mundo se antecipa à escolarização, mas não se esgota na decodificação da escrita.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1980, p. 09)

As concepções de Paulo Freire sobre a educação popular e a alfabetização de adultos trouxe grandes contribuições para o ensino no Brasil e no mundo. Com uma metodologia de alfabetização conscientizadora, que continua válida e amplamente divulgada, apresenta uma proposta dialética de ensino, revolucionária, que compreende que a leitura

do mundo precede a leitura da palavra, e que alfabetizar-se é necessário para que o educando possa ler e reescrever a sua realidade, revolucionando-a, na busca de uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

O que não me parece possível é fazer a leitura da palavra sem relação com a leitura do mundo dos educandos. Por isso é que, para mim, todo processo de alfabetização de adultos implica o desenvolvimento crítico da leitura do mundo, que é um quefazer político conscientizador. (FREIRE, 2006, p. 63)

Beisiegel (2010) narra que o Freire, em sua experiência de alfabetização, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963, demonstrou que os adultos podiam aprender os rudimentos da leitura em 40 horas. Trouxe a inovação metodológica da aprendizagem a partir da discussão de temas geradores de caráter político e social, com palavras significativas, que demonstravam os anseios e as inquietações dos habitantes de Angicos e que foram pesquisadas pelos estudantes. As palavras geradoras eram desmembradas em sílabas, que davam origem às famílias silábicas; das famílias de sílabas, surgiam novas palavras. Criou a expressão círculo de cultura para indicar o lugar onde se dava a alfabetização de adultos, e ao mesmo tempo, o novo modo de conduzi-la. No lugar do professor, um animador cultural que deveria coordenar sem impor, e abrir a discussão no círculo de cultura, com temas da natureza e o que é criado pelo homem no mundo da cultura.

O método Paulo Freire de alfabetização é dividido em três etapas:

1. Etapa de investigação: o aluno e o professor buscam no universo vocabular do estudante e da sociedade onde ele vive as palavras e temas centrais de sua biografia. O educador entrevista o estudante na busca de vocábulos de sua vivência cultural, social e profissional. "Elas são constituídas pelos vocábulos mais carregados de certa emoção, pelas palavras típicas do povo. "As entrevistas revelam desejos, frustrações, desilusões, esperanças, desejos de participação e, frequentemente, certos momentos altamente estéticos da linguagem popular." (FREIRE, 1979, p. 73)

2. Tematização: codificam e decodificam os temas ou palavras geradoras buscando o seu significado social, tomando a consciência do mundo vivido. "Trata-se de vocábulos ligados à sua experiência existencial, da qual a experiência profissional faz parte." (FREIRE, 1979, p. 73)

3. Problematização: Aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica, ingênua, por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido.

"O método Paulo Freire de alfabetização também apresentava notável simplicidade. O educador entendia que mesmo as palavras geralmente empregadas para designar os vários elementos da prática educativa, tais como escola, classe, professor, aluno, etc., estavam impregnadas de significações inaceitáveis, conotavam as orientações domesticadoras da educação brasileira tradicional. Por isso mesmo, já a nomenclatura que adotava no método de alfabetização exprimia a intenção de alterar radicalmente as práticas então visuais na educação do adulto analfabeto. As classes eram substituídas pelos 'círculos de cultura', os alunos pelos participantes de 'grupos de discussões', os professores cediam lugar aos 'coordenadores de debates'. De igual modo, a aula era substituída pelo 'debate' ou pelo 'diálogo' entre educador e educando, e o programa por 'situações existenciais' capazes de desafiar os agrupamentos e de levá-los a assumir posições de reflexão e crítica diante das condições dessa mesma existência."(BEISIEGEL, 2010, p. 42)

Freire (1979) critica as cartilhas por serem repetitivas, mecanicistas e fora da realidade dos jovens e adultos: "[...] não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma."(FREIRE, 1979, p.72) Não contribuem para o processo de criação do estudante não alfabetizado, reduzem o educando a objeto do processo de alfabetização e suas atividades são desmotivadoras, além de trazerem respostas prontas, sem a necessidade de uma reflexão sobre o assunto.

Nunca pude reduzir, para continuar falando em alfabetização, a riqueza e a importância da sua prática ao puro exercício de repetição ritmada e mecânica dos la-le-li-lo-lu nem a leitura de frases, de palavras, de textos à pura prolação também mecânica, de vocábulos. Ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente "passear" sobre as palavras. Leio tanto mais e melhor quanto, inteirando-me da substantividade do que leio, me vou tornando capaz de re-escrever o lido, à minha maneira, e de escrever o por mim ainda não escrito. Não é possível dicotomizar ler de escrever. (FREIRE, 2000, p. 89)

A alfabetização deve ser sinônima de reflexão, argumentação e criticidade. Não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora, pelo próprio educando, somente ajustado pelo educador.

"O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite o homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de uma sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora." (FREIRE, 1979, p.33)

Freire (1979) é contrário à concepção bancária de educação, pois não exige a consciência crítica do educador e do educando, e nega a dialogicidade. Nega ao homem o direito de criar e criticar, ou seja, não lhe permite ser o sujeito do processo. O professor

faz do seu aluno um depósito. "A consciência bancária pensa que quanto mais se dá mais se sabe". (FREIRE, 1979, p. 38). O educador é o quem disciplina, opta e prescreve sua opção, é quem atua e quem educa, aquele que sabe e que dita as palavras; os educandos serão educados, são os que não sabem, os ignorantes, os que escutam o educador. O educador é o sujeito do processo e os educandos meros objetos. A educação bancária fundamenta-se na ideologia da opressão, da dominação, da domesticação e da alienação. "Não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a educação já não é educação". (FREIRE, 1979, p. 69)

Paulo Freire (1987) defende uma educação que liberte os oprimidos da condição de pobreza e inferioridade.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de se do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p. 26)

A educação libertadora se opõe à educação bancária. Dá ênfase no caráter político da educação, da discussão sobre o lugar do homem no mundo e seu diálogo com o outro. Defende o diálogo com os oprimidos como elemento de comunicação entre os homens, entre consciências, para transformar o mundo. A humildade e a fé nos homens de fazer, criar e transformar, precedem o diálogo e a autossuficiência é incompatível com o diálogo. Acredita que o povo oprimido é capaz de pensar sobre a realidade social e concluir pela necessidade de transformação. A educação libertadora é uma pedagogia crítico-dialógica, na qual o professor estimula o estudante, por meio de uma relação dialógica, a falar, questionar, refletir e criar, para uma compreensão e apreensão crítica do conhecimento, de forma significativa.

Freire (1987) defende uma concepção de educação problematizadora, libertária e emancipatória, de caráter reflexivo. Não basta apenas saber decodificar os símbolos linguísticos, é necessário que fazer o uso social e político desse conhecimento em sua vida de uma forma transformadora. A partir da problematização da realidade cultural dos estudantes, o educador poderá despertar o ser político, que é um sujeito de direito. Afinal, para Freire, a educação é sempre um ato político e não se separa do pedagógico. "Todo projeto pedagógico é político e se acha molhado de ideologia. A questão é saber é a favor de que e de quem, contra que e contra quem se faz política de que a educação jamais

prescinde"(FREIRE, 2006, p.45). A educação é um ato de conhecimento e de conscientização que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão. A tradição pedagógica limita o pedagógico à sala de aula, impedindo uma educação libertadora.

A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática, é naturalmente política, tem que ver com a pureza, jamais com o puritanismo, e é em si, uma experiência de boniteza. A minha compreensão de politicidade da educação me marca de tal maneira, a partir de certo momento de minha experiência de homem e de educador que dificilmente deixo de falar dela." (FREIRE, 2000, p.89)

Consciência e mudança são temas muito presentes nas obras de Paulo Freire: a mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel de conscientização da educação nesse processo. Para ele, a raiz da educação consiste na concepção de que "o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca"(FREIRE, 1979, p.27). Ação e reflexão são inseparáveis da práxis. "A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos" (FREIRE,1987, p.25). A reflexão-ação ocorre dentro da relação homem-realidade. A partir daí, o homem desenvolve sua ação-reflexão ou as atrofia, transforma sua realidade ou não. O educador deve elaborar seu roteiro de ação a partir das experiências relatadas pelos educandos sobre suas vivências culturais. "O educador respeita a cultura do aluno, valoriza o conhecimento que o estudante adquiriu até chegar à escola" (FREIRE, 2006, p.83). Deve apresentar uma proposta de trabalho com uma materialidade significativa para a vida do estudante.

Segundo Freire "a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. O homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta" (FREIRE, 1979, p. 28). "O saber se faz através da superação constante. [...] Por isso, não podemos nos colocar na posição de ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica seu saber relativo a outros que possuem outro saber relativo" (FREIRE, 1979, p.29). Não há conhecimento acabado. O conhecimento está sempre em construção. O indivíduo está em constante aprendizagem. Aprende a partir das suas experiências anteriores e ao longo de toda a vida. Portanto, ninguém está totalmente pronto para ensinar e nem totalmente

pronto para receber conhecimento. "O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém" (FREIRE, 1979, p.28).

Freire (1987) propõe uma educação para a prática da liberdade, comprometida com a desmistificação, na qual educadores e educandos são os sujeitos do processo. Um indivíduo consciente que reflete criticamente sobre a sua realidade para transformá-la, a partir de uma prática dialógica e problematizadora. A alfabetização deve ser um instrumento para que os alunos lutem por seus direitos políticos, sociais e econômicos. "Conhecimento se cria, se inventa, reinventa, se apreende. Conhecimento se faz. O aluno conhece na medida em que, apreendendo a compreensão profunda do conteúdo ensinado, o aprende. Aprender o conteúdo passa pela prévia apreensão do mesmo" (FREIRE, 2006, p. 120).

Para Freire, uma educação sem esperança não é educação. "Não há educação sem amor. Quem não é capaz de amar não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. " (FREIRE, 1979, p.29) O amor é o fundamento do diálogo, é um ato de coragem e está comprometido com a causa dos homens oprimidos.

É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão estranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico ao clima da transição. O antidiálogo, que implica uma relação de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso; arrogante; autossuficiente. Quebra-se aquela relação de empatia entre seus polos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso o antidiálogo não comunica. Faz comunicados (FREIRE, 1979, p.69).

Para Freire (1996) o ensinar rejeita qualquer forma de discriminação de raça, de classe, de gênero. Ensinar aceita o novo, exige a ética, a humildade, a tolerância, o bom senso; exige o respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando; exige a alegria e a esperança numa prática educativa reflexiva, comprometida com a liberdade; exige saber escutar paciente e criticamente o outro, para transformar o discurso do educador em um diálogo com o educando; exige a luta e o respeito pelos direitos dos educadores.

4.3 Políticas Públicas: O Direito à Educação Para Todos

Na Constituição Federal de 1988, ficou declarado o direito à Educação por meio do Ensino Básico obrigatório e gratuito a todos os cidadãos que não tiveram acesso na idade própria. Nessa luta histórica garantiu-se a EJA como modalidade da Educação Básica, sendo obrigação do Estado criar e implementar políticas públicas para o acesso, permanência e conclusão do curso pelos estudantes jovens, adultos e idosos.

Segundo o art. 211, da CF/88, a organização dos sistemas de ensino deve ser da responsabilidade da União e do sistema federal de ensino, da assistência técnica e financeira, de forma colaborativa. É competência dos Estados o Ensino Fundamental, anos finais e Médio, e dos Municípios a Educação Infantil e Ensino Fundamental, anos iniciais.

Capucho (2012) adverte que os recursos foram concentrados de forma equivocada ao preceito constitucional, o que tornou invisível as demandas de direitos de outros grupos sociais.

O viés neoliberal que imperou nas políticas públicas nos anos de 1990 circunscreveu a responsabilidade da Educação Básica aos Estados e Municípios, com o pretexto de tornar prioridade o atendimento de crianças e jovens na idade regular de escolarização. Sendo a educação um direito o qual tem como referência a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU,1948), e a Constituição Brasileira de 1988, não deveríamos falar de prioridade, a não ser para casos em que se façam necessárias políticas afirmativas. Isso quer dizer, situações as quais para igualização dos desiguais se faça necessário tratamento desigual, o que sem dúvida é o caso da Educação de Jovens e Adultos, a qual demanda um tratamento diverso ao atribuído à educação dita regular, em virtude da dívida histórica para com a educação do(a) estudante-trabalhador(a) (CAPUCHO, 2012; p. 23).

O art. 208, da Constituição Federal de 1988, dispõe que "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria." A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN/96), no art. 4º, determina como dever do Estado com a educação escolar pública a "VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola". O Parecer n.011/2000, do Conselho Nacional de Educação (CNE), relata que o ensino fundamental obrigatório é para todos, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. "Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado e cercado de mecanismos financeiros e jurídicos de sustentação. A titularidade do direito público subjetivo face ao ensino fundamental

continua plena para todos os jovens, adultos e idosos, desde que queiram se valer dele" (Parecer nº 11/2000/CNE).

Segundo Capucho (2012), apesar dos avanços na legislação nacional, bem como em tratados internacionais em que o Brasil é signatário, não foram suficientes para garantir o direito à EJA aos cidadãos brasileiros, pois não há políticas que subsidiem o acesso, a permanência, a continuidade e a conclusão, com sucesso e qualidade, do estudante jovem, adulto e idoso.

[...] as políticas promovidas pelo Estados brasileiro por cerca de 130 anos (1872 a 2000), não asseguraram sequer a universalização da alfabetização. E, ainda, resultaram, num crescente vertiginoso do número absoluto de analfabetos(as), que chegou a elevar-se para 4,6 vezes o número de analfabetos (as) registrados no Censo de 1872. (CAPUCHO, 2012; p. 27)

Apesar de já declarado e preconizado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), o direito à educação pública para todos, apenas foi positivado após o regime militar (1964-1985), pela Constituição Federal de 1988, e regulamentado pela Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), com um dos seus objetivos a formação para a cidadania. Em seu artigo 37 preconiza o direito à educação de jovens e adultos para as pessoas que não puderam concluir ou não tiveram acesso ao ensino fundamental e médio na idade regular.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.(BRASIL, CF/88)

Cabe ao Poder Público viabilizar a criação e a implementação de políticas públicas que, respeitando as especificidades dos jovens, adultos e idosos, possam garantir o seu acesso, a sua permanência e a sua conclusão na EJA. As escolas devem atentar para as características, interesses, condições de vida e de trabalho deste estudante, buscando flexibilizar o seu atendimento de acordo com as suas necessidades.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1 Perfil da Escola

O Plano de Ação foi aplicado na Escola Municipal Francisca Alves (EMFAL), em Belo Horizonte. A EMFAL foi criada pelo Decreto 2084 de 14 de outubro de 1971, tendo sido denominada em homenagem à professora Francisca Alves, natural de Mariana/MG, que prestou serviço em Belo Horizonte. Iniciou-se oferecendo o Ensino Fundamental (séries iniciais) em 1972, nos turnos matutino e vespertino. Em 1991, passou a oferecer o Ensino Regular de Suplência (5ª a 8ª séries), noturno, para atender a estudantes maiores de 12 anos que não haviam frequentado as primeiras séries escolares. Em 2001, a escola aderiu à modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno para atender às necessidades e às expectativas da comunidade.

A partir da Regulamentação da Educação de Jovens e Adultos, publicada em 05 de junho de 2003, iniciou-se a construção da Proposta Pedagógica da EJA, de acordo com a prática vivenciada na escola, com a participação dos estudantes e profissionais. (Projeto Político Pedagógico EMFAL, 2014, p.11)

Foram construídas regras e normas com entendimentos básicos acerca do coletivo, com foco na igualdade de direitos, tolerância, respeito, concessões e negociações.

Em 2004, a EJA foi aprovada pela Secretaria Municipal de Educação, validando os atos escolares dos estudantes, entre 2001 e 2003.

Romperam-se aí os ideias da educação compensatória, dando espaço para uma nova escola focada na formação humana, reconhecendo e incorporando as experiências e saberes socialmente construídos com uma estrutura educacional especificamente pensada para eles. (Projeto Político Pedagógico EMFAL, 2014, p.12)

Em 2009, foi implantado, no 3º turno, o Programa de Aceleração de Estudos – Floração, desenvolvida pela Prefeitura de Belo Horizonte em parceria com a Fundação Roberto Marinho, destinados a estudantes de 15 a 19 anos, com distorção série/idade. Este projeto permaneceu por 2 anos.

Funciona, atualmente, no turno da manhã, do 5º ao 9º ano, no turno da tarde, do 1º ao 4º ano, e no turno da noite, com as turmas de EJA/Ensino Fundamental. Durante o dia a escola oferece o programa Escola Integrada. E durante toda a semana, inclusive aos sábados e domingos, acontece o Programa Escola Aberta, com um espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades de formação, cultura, esporte e lazer para a

comunidade, tais como: balé, artes marciais, escola de futebol, manicure, biscuit e depilação.

Com espaço físico adaptado para locomoção de deficientes físicos e para cegos, possui salas da coordenação, da direção, dos professores e várias salas de aula; secretaria, biblioteca, laboratório de informática, refeitório, auditório, quadra de esporte e o pátio, onde são realizadas as atividades de educação física e recreação.

O corpo discente da escola é constituído por crianças, jovens, adultos e idosos moradores da vila, próxima à escola, do bairro ou das imediações. Algumas famílias são muito carentes e desestruturadas. Os estudantes da EJA são maiores de 15 anos, sendo a maioria com idade superior a 21 anos. Segundo dados do PPP/EMFAL, há uma pluralidade religiosa. Adeptos da religião católica, com representatividade expressiva de evangélicos e espíritas.

São sujeitos sociais e culturais, marginalizados, nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. (Projeto Político Pedagógico EMFAL, 2014, p. 20)

O corpo docente oferece aos estudantes diferentes atividades que buscam desenvolver sua aprendizagem através de projetos que respeitam e valorizam a diversidade cultural. Algumas atividades desenvolvidas são visitas aos teatros, cinemas, eventos, festas, além de participação em oficinas.

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-criança”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. (Projeto Político Pedagógico EMFAL, 2014, p. 19)

Essa forma de ensino visa oferecer uma educação de qualidade para as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na infância e adolescência proporcionando uma colocação digna no mercado de trabalho, possibilitando a retomada do seu potencial.

Depois de vários anos de angústia dos docentes da EJA, os quais eram ameaçados, ao final de cada ano, que não haveria mais turmas ou que iriam acabar com a oferta desta modalidade, atualmente a própria Secretaria Municipal lança campanha nas mídias para que os jovens acima de 15 anos, adultos e idosos completem seus estudos e voltem para os bancos escolares. (<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/informacoes/pedagogico/eja>)

A escola possui, no ano letivo de 2019, duas turmas internas e duas externas, a saber: uma no Centro Cultural Pampulha, no Bairro Urca, e outra no assentamento Dandara, no Bairro Céu Azul. As turmas externas funcionam em horários específicos para garantir a segurança dos estudantes. Periodicamente realizam atividades trazendo os estudantes das turmas externas para a escola, para interagirem com os demais discentes.

5.2 Perfil da Turma

A partir de rodas de conversas, da análise do Projeto Político Pedagógico da escola, dialogando com os professores e gestão pedagógica foi possível traçar o perfil da turma.

É uma turma composta por 14 homens e 08 mulheres de idades distintas, compreendendo de 15 a 63 anos. É heterogênea, com histórias de vida diversas e processos de aprendizagem diferentes. Porém, existe uma construção de amizade, pautada numa relação de muito respeito e parceria.

Na turma observa-se uma diversidade. Mulheres e homens, adultos e idosos; brancos e negros, católicos e evangélicos; líderes religiosos e comunitários; profissionais autônomos, assalariados, aposentados, desempregados e que trabalham informalmente, como vendedores ambulantes ou manicures, por exemplo. São moradores do bairro onde a escola está localizada ou das imediações. Há casos de transtorno de comportamento e de dificuldades de aprendizagem. Alguns são alfabetizados, outros não alfabetizados. Apresentam um tempo de maior escolaridade devido às repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Alguns nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar em função da entrada precoce no mercado de trabalho ou por falta de escolas.

A relação com os professores é de muito respeito, com muita troca de conhecimentos que os estudantes trazem de suas vivências e experiências. Dominam temas da atualidade e expressam opiniões sobre determinados assuntos, sendo participativos nas rodas de conversa e debates. Contudo, a maioria não concluiu o processo de alfabetização ou está iniciando.

Durante a roda de conversa, os estudantes relataram que seus desejos e expectativas, a partir da EJA, é de terem condições de aprender os outros saberes, pois não puderam fazer em outro momento de suas vidas. De terem condições de aplicar esses saberes, escolarizados, em sua vida e terem novas oportunidades. Alguns querem aprender a ler e a escrever para lerem a Bíblia, terem acesso ao banco eletrônico independentemente e possuírem uma vida mais autônoma. Desejam, também, aumentar seus conhecimentos e

melhorar suas relações interpessoais para que possam ser cidadãos mais atuantes e participativos na sociedade.

Muitos destes sujeitos têm seus projetos de vida para o futuro, alguns mais outros menos, apesar de muitas vezes não terem apoio em casa e são julgados como pessoas que não têm perspectiva, por serem aposentadas e não serem mais tão jovens, ou até mesmo bem idosos. Alguns querem melhorar sua autoestima, se sentirem inseridas, incluídas nos grupos que frequentam, como os da igreja, por exemplo. Manifestam desejos e apresentam projetos, como de conseguirem montar seu próprio negócio, ou pensam em melhorar o seu pequeno empreendimento, sair da informalidade. Desejam “ser alguém na vida”, fazer o Ensino Médio e um curso superior e se tornarem profissionais graduados da sua área. Sonham em conseguir seus diplomas. Porém, tem uma parcela que teme sair da escola e não conseguir adaptar-se com outras pessoas ou acompanhar o conteúdo.

Estes sujeitos pararam de estudar porque precisavam trabalhar para ajudar em casa ou porque seu horário de trabalho não dava para conciliar com os estudos; algumas mulheres, porque vieram de uma cultura em que estas não precisam estudar, apenas aguardar o casamento, para cuidar da casa, dos filhos e marido; pararam de estudar por não conseguirem acompanhar o currículo ou se adequar à metodologia de ensino, após uma série de reprovações. Alguns nunca tiveram acesso à escolarização, por morarem em lugares de difícil acesso ou pelo fato de a família não priorizar os estudos.

Os estudantes são participativos na proposta de diversidade cultural da escola. São atuantes nos projetos sobre saúde e gênero, sexualidade e afetividade, direitos humanos, valores e identidade. Participam dos eventos como festas, seminários, passeios, atividades externas, pesquisa de campo e cursos.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1 Diagnóstico/ Avaliação Inicial

Antes de iniciar a intervenção foi feito o planejamento dos encontros e realizado um contato inicial com a gestão pedagógica e com os docentes para exposição da proposta, dos objetivos e finalidade. A equipe pedagógica esteve sempre receptiva, discutindo e disposta a contribuir.

Posteriormente, foram feitos contatos com a turma para conhecer os discentes e a realidade em sala de aula. Por meio de rodas de conversas foi possível traçar uma avaliação inicial do cenário pedagógico da escola.

Além da equipe pedagógica estar sempre solícita, receptiva, demonstram, gestores e professores, uma grande preocupação pela Educação de Jovens e Adultos. A ameaça pelo Poder Público, especialmente pela própria Prefeitura de Belo Horizonte, em acabar com esta modalidade de ensino e a falta de investimento em formações e melhorias, tem trazido uma grande angústia a este grupo. Continuam na militância por ação política contra a negação da EJA. Segundo eles, são tempos de lutas e resistências. A Educação de Jovens e Adultos é um direito e esse direito está sendo ameaçado.

Quanto aos discentes, duas turmas de Educação de Jovens e Adultos funcionam internamente na escola. Adolescentes, jovens, adultos e idosos. Diversidade geracional e cultural. Estudantes que demonstram interesse no que está sendo trabalhado, discutem e são participativos. Uns mais, outros menos. Ao propor a intervenção demonstram grande interesse pelo tema e estarem dispostos a contribuir.

6.2 Etapas de Realização

Esta intervenção pedagógica foi realizada em cinco etapas. Consistiu-se em encontros com os estudantes para o levantamento das causas que o impediram de estudar ou de iniciar os estudos, em algum momento da vida deles; os motivos que o levaram a retomar os bancos escolares; as expectativas quanto à Educação de Jovens e Adultos e quanto à escola; os pontos positivos e negativos na escola que podem levar o estudante a abandonar a escola; fatores internos e externos à escola que podem acabar sendo interditórios.

Em seguida, foram realizados dois encontros com os professores e com a coordenação pedagógica para discutir os dados coletados com os estudantes; apresentar os dados da

pesquisa bibliográfica sobre os principais fatores que interditam o processo de aprendizagem; e fazer o levantamento de estratégias preventivas para o combate e/ou prevenção ao abandono escolar.

Posteriormente, foram realizados dois encontros com a gestão – direção e coordenação pedagógica – para retomar os dados apresentados pelos estudantes e para a exposição de estratégias, potencialidades e sugestões apresentadas pelos docentes como preventivas. Foram discutidas as possibilidades de aplicação das estratégias apontadas pelos professores, inclusive tendo sempre a preocupação de envolver os diversos funcionários e demais setores da escola, a saber: secretaria, informática, portaria, biblioteca, cantina, dentre outros. No último encontro com a gestão foram discutidas e apontadas as ações concretas para a implementação das estratégias, ressaltando a possibilidade de delimitação de um tempo.

Para sensibilização, nos encontros com os docentes e na oficina dos discentes, realizou-se a leitura visual do livro Mundo Moderno, de Semíramis Paterno, da Editora Lê. A obra ilustra a rotina de trabalho de um homem que vive em uma sociedade moderna. Escritório com acúmulo de serviços, stress, elevador lotado, trânsito congestionado, mas com um sonho que ele traz dentro de uma maleta, que carrega consigo, e é aberta ao final da história. Ele a olha com serenidade e esperança. Ao conseguir se afastar de toda aquela agitação, em uma região montanhosa, com muita liberdade, abre a maleta e tira de lá o objeto que o ajudará na realização de seu sonho. A sua atitude demonstra o prazer, a realização da pessoa e a própria felicidade ao realizar algo que tanto sonhou. O enfoque é dado na importância de sonhar e lutar para a realização de cada um deles. É fundamental, para isso, não desistir de lutar.

Esquematizando, os encontros foram planejados como segue:

OFICINA 1: Encontro com os estudantes

1. Sensibilização: História “Mundo Moderno”, Semíramis Paterno, Editora Lê.

2. Entrevista:

- Por que pararam de estudar ou o que te impediu de estudar?
- O que te levou a voltar para a escola?
- O que espera da EJA e da escola? Quais são os seus desejos e expectativas?

- O que considera negativo na escola/EJA que pode levar o estudante a abandonar a escola/curso?
- O que te atrapalha estudar hoje, dentro e fora da escola?

3. Registro: Pela dificuldade de alguns estudantes em fazer o seu próprio registro, o entrevistador fará as anotações das respostas.

OFICINAS 2 E 3: Encontro com os professores e Coordenação Pedagógica

1. Sensibilização: História “Mundo Moderno”, Semíramis Paterno, Editora Lê.
2. Apresentar os dados da pesquisa bibliográfica sobre as principais causas do abandono.
3. Apresentar e discutir com os professores os resultados da oficina com os estudantes.
4. Discutir com os professores e levantar, coletivamente, estratégias preventivas para o combate e/ou prevenção ao abandono. Apontar problemas/potencialidades/sugestões.
5. Registro: A coordenação fará o registro.

OFICINA 4: Encontro com a Gestão Pedagógica

1. Apresentar à direção e à coordenação pedagógica as respostas dos estudantes e as estratégias apontadas pelos docentes.
2. Discutir possibilidades de aplicação das estratégias, inclusive envolvendo os diversos setores da escola, como secretaria, portaria, cantina, biblioteca, laboratório de informática, gestão financeira, coordenação pedagógica.

OFICINA 5: Pactuando ações com a Gestão Pedagógica

Ao analisar as estratégias apontadas pelos professores para o combate e/ou prevenção ao abandono dos estudantes, percebi a necessidade da realização de mais um encontro com a coordenação pedagógica.

O novo encontro teve por finalidade refletir, juntamente com a coordenação pedagógica, sobre as estratégias propostas pelos professores e propor ações concretas para a implementação destas.

Desta forma, esta intervenção poderá contribuir de forma mais efetiva para a prática pedagógica da escola e apontar ações concretas, que poderão ter um prazo para cumprimento.

7 DESCRIÇÃO DA REALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

7.1 OFICINA 1 (26/03/19): Encontro com os estudantes

Os estudantes demonstraram muito interesse e uma certa ansiedade para expor a situação de cada um. Algumas pessoas ao narrar suas trajetórias se emocionaram. Participativos, narraram suas histórias de vida e apontaram os fatores que consideraram determinantes para os impedir de prosseguirem ou que os motivaram a retomar seus estudos; o que consideram que podem lhe impedir de seguir em frente, interditando o seu processo de formação na EJA. Revelaram um sentimento de esperança de novas possibilidades. Através de rodas de conversa, apontaram as seguintes respostas aos nossos questionamentos:

TABELA 1: Sistematização dos dados da oficina com os estudantes

Fatores que impediram de alguns estudarem:	1. Ter que trabalhar ajudar no sustento da família; 2. Cuidar dos seus irmãos e da casa; 3. Outras questões familiares
O que consideram que pode levar um estudante a desistir. Fatores internos e externos à escola	1. A forma como são tratados dentro da escola; tratados como crianças; tem professor que não tem tanta paciência e os consideram muito lentos de raciocínio; 2. Horário de trabalho incompatível com o horário da escola; 3. Não ter com quem deixar filhos e netos para vir para a escola; 4. Morar de aluguel e ter que mudar para longe da escola; 5. O perigo das ruas; falta de segurança. 6. A indisciplina de alunos mais novos; brincam e deboçam dos mais velhos. 7. Falta de tempo para dedicar aos estudos 8. Falta de apoio da família 9. Cansaço físico e mental 10. Adoecimento; doenças como hipertensão, diabetes descontroladas
Expectativas com relação à EJA e à escola:	Intervenção do professor, paciência; entender a dificuldade em aprender, o raciocínio lento e a cabeça cheia.

7.2 OFICINAS 2 E 3 (05 e 12/04/19): Encontro com os professores e Coordenação Pedagógica

Em dois encontros, com os professores e a coordenação pedagógica foi possível expor os dados da pesquisa bibliográfica sobre as principais causas do abandono na Educação de Jovens e Adultos; apresentar e discutir os resultados da oficina com os estudantes; fazer o levantamento de estratégias preventivas ao combate e/ou prevenção ao abandono. Além da apresentação da Tabela 1, mostrada anteriormente, foram sistematizados os dados reunidos na pesquisa bibliográfica:

TABELA 2: Sistematização dos dados da dissertação “Evasão e Permanência na EJA: Por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte” (FARIA, 2013)

Dissertação Evasão e Permanência na EJA: Por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte (FARIA, 2013)		
NECESSIDADES	Projetos contextualizados Currículos adequados Elaborar proposta específica para EJA Acolhida dos alunos Avaliação contínua, processual Trabalhar autoestima	
CAUSAS	FATORES EXTERNOS (Relação condição social dos estudantes) - Ingresso mercado de trabalho (principal motivo) - Aumento da oferta de trabalho temporário no comércio no final do ano - Cansaço/Dificuldade de conciliar estudo x trabalho - Horário de trabalho incompatível com a escola - Distância escola x residência - Sem condições de pagar passagem - Doença na família - Medo de fracassar - Momento de violência no bairro - Dupla jornada de trabalho (mulheres trabalho/casa) - Cuidar dos filhos e netos - Submissão ao marido que a proíbe de ir à escola ou não a apoia. - Represália de companheiro ou ex-maridos que não concordam com a volta à escola. - Gravidez - Necessidade do aumento da jornada de trabalho dos homens. - Histórico de fracasso escolar	FATORES INTERNOS - Metodologias descontextualizadas - Dificuldade em acompanhar o conteúdo - Falta de acolhida pelos professores - Atrasos/faltas constantes dos professores - Horário de funcionamento da secretaria não atende à demanda da EJA (inviabiliza matrícula e rematrícula) - Avaliações diagnósticas com letras muito pequenas e/ou aplicadas ao aluno não escolarizado (constrangimento). - Conflito geracional no convívio jovens/adultos/idosos. - Rotatividade de professores nos ciclos de alfabetização. - Muitos professores nas turmas. - Trabalho não voltado para o anseio da turma de “aprender a ler e escrever” - Desinteresse na faixa etária dos 15 aos 19 anos. - Maior abandono na faixa de 15 a 18 anos e 19 a 29 anos.
ESTRATÉGIAS	- Levantamento dos dados para melhor conhecer o aluno; - Diálogo com os professores da escola sobre fatores que dificultam a entrada e permanência do jovem, adulto e idoso na escola. - Comunicação com os alunos que se afastaram para facilitar o retorno. - Monitoramento de frequência (todas idades) com estratégias sistemáticas. - Buscar meios para sanar diferentes dificuldades de aprendizagem do conteúdo. - Apresentação de diferentes recursos de aprendizagens. - Metodologia contextualizada. - Envolver todos os setores da escola (da portaria à biblioteca) para acompanhar dos processos escolares. - Garantir a escola como espaço de produção artística e práticas esportivas (com especificidade de cada público) - Possibilitar o acesso a diferentes culturas, nos diversos espaços da cidade. - Conhecer as expectativas dos estudantes quanto ao curso e adequar o currículo. - Investimento do Poder Público em formação dos docentes; chamada pública dos estudantes; ampliação do número de vagas por parte da Secretaria de Educação;	

	<p>transporte escolar para os estudantes da EJA; espaço para mulheres deixarem seus filhos enquanto estudam.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fortalecimento da equipe de trabalho escolar. - Utilizar os diversos espaços da escola como facilitador da aprendizagem e garantidor do funcionamento da EJA: laboratório de informática, secretaria, biblioteca, quadras de esporte. - Participação dos estudantes e profissionais na avaliação da escola para propor melhorias e fazer críticas.
<p>PERFIL DOS ALUNOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jovens, adultos e idosos com diferentes trajetórias; - Já estudaram e tiveram que interromper por motivo de trabalho, questões familiares ou desinteresse; - Foram reprovados antes de abandonarem a escola; - Possuem problemas de saúde mental ou deficiência; - Usuários de drogas ou tentam fazer da escola um espaço para o tráfico; - Voltaram à escola por motivo de exigência do mercado de trabalho; - Pais e familiares do período diurno; - Diversidade do público marcada pela diferença geracional; - Mais mulheres do que homens.

TABELA 3: Sistematização dos dados da Monografia “Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão sobre o abandono escolar” (MOREIRA, 2014)

Monografia Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão sobre o abandono escolar (MOREIRA, 2014) / Pesquisa com alunos do 1º Segmento, Centro-Oeste, 2009.					
NECESSIDADES	<p>Currículo e trabalho pedagógico na EJA, considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - necessidade de flexibilidade - condições de vida do aluno/trabalhador - o trabalho do estudante-trabalhador - os interesses do estudante ali 				
CAUSAS	<table border="1"> <thead> <tr> <th>FATORES EXTERNOS</th> <th>FATORES INTERNOS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de conciliar trabalho x estudo, escola x família, estudos x lazer. - Horário incompatível trabalho x escola; - afazeres domésticos x escola. - Falta de segurança/ policiamento. - Desinteresse/indisciplina por parte do estudante. - problemas de saúde - instabilidades da adolescência - Desinteresse dos pais em relação ao destino dos filhos. - Violência - Distância escola x residência x trabalho. </td> <td> <ul style="list-style-type: none"> - Má formação dos professores. - Despreparo/ausência de motivação dos professores. - Recursos didáticos inadequados ou ausentes. - Metodologia e currículo inadequados para EJA. - Ausência de Políticas Públicas para garantir a permanência. - Escola não atrativa, autoritária, insuficiente. - Agressão entre estudantes. - Dificuldade em acompanhar o conteúdo. - Ausência de articulação com o ensino profissionalizante. - Não valorização da vivência dos alunos. - Linguagem inadequada, infantilizada. - Ausência de lanche (vão direto do trabalho) - Falta de professor. - Má adaptação da escola aos alunos (carteiras não adequadas ao público de EJA. - Falta de pessoal de apoio para melhor funcionamento da EJA (faxineiro, auxiliar de biblioteca, por exemplo) </td> </tr> </tbody> </table>	FATORES EXTERNOS	FATORES INTERNOS	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de conciliar trabalho x estudo, escola x família, estudos x lazer. - Horário incompatível trabalho x escola; - afazeres domésticos x escola. - Falta de segurança/ policiamento. - Desinteresse/indisciplina por parte do estudante. - problemas de saúde - instabilidades da adolescência - Desinteresse dos pais em relação ao destino dos filhos. - Violência - Distância escola x residência x trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Má formação dos professores. - Despreparo/ausência de motivação dos professores. - Recursos didáticos inadequados ou ausentes. - Metodologia e currículo inadequados para EJA. - Ausência de Políticas Públicas para garantir a permanência. - Escola não atrativa, autoritária, insuficiente. - Agressão entre estudantes. - Dificuldade em acompanhar o conteúdo. - Ausência de articulação com o ensino profissionalizante. - Não valorização da vivência dos alunos. - Linguagem inadequada, infantilizada. - Ausência de lanche (vão direto do trabalho) - Falta de professor. - Má adaptação da escola aos alunos (carteiras não adequadas ao público de EJA. - Falta de pessoal de apoio para melhor funcionamento da EJA (faxineiro, auxiliar de biblioteca, por exemplo)
FATORES EXTERNOS	FATORES INTERNOS				
<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de conciliar trabalho x estudo, escola x família, estudos x lazer. - Horário incompatível trabalho x escola; - afazeres domésticos x escola. - Falta de segurança/ policiamento. - Desinteresse/indisciplina por parte do estudante. - problemas de saúde - instabilidades da adolescência - Desinteresse dos pais em relação ao destino dos filhos. - Violência - Distância escola x residência x trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Má formação dos professores. - Despreparo/ausência de motivação dos professores. - Recursos didáticos inadequados ou ausentes. - Metodologia e currículo inadequados para EJA. - Ausência de Políticas Públicas para garantir a permanência. - Escola não atrativa, autoritária, insuficiente. - Agressão entre estudantes. - Dificuldade em acompanhar o conteúdo. - Ausência de articulação com o ensino profissionalizante. - Não valorização da vivência dos alunos. - Linguagem inadequada, infantilizada. - Ausência de lanche (vão direto do trabalho) - Falta de professor. - Má adaptação da escola aos alunos (carteiras não adequadas ao público de EJA. - Falta de pessoal de apoio para melhor funcionamento da EJA (faxineiro, auxiliar de biblioteca, por exemplo) 				
ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e valorizar os estudantes: vivências e expectativas. - Criar condições para serem bem sucedidos, sanando as suas dificuldades. 				
PERFIL DOS ALUNOS	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhadores ou não trabalhadores; - População do campo, indígenas e quilombolas; - Faixa etária com 15 anos ou mais; - Jovens em liberdade assistida; - Buscam melhores condições de vida; - Querem melhorar a autoestima; - Estão dispostos a vencer as barreiras da exclusão do sistema educacional brasileiro. 				

TABELA 4: Sistematização dos dados do Artigo “Formação Política e Trabalho: Uma proposta reflexiva de contextualização na Educação de Jovens e Adultos” (COSTA, 2012)

Artigo Formação Política e Trabalho: Uma proposta reflexiva de contextualização na Educação de Jovens e Adultos (COSTA, 2012) / Relato de Experiência: EJA Contextualizada – Comunidade de Assentamento Cajueiro/Piauí, 2009.			
NECESSIDADES	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualização do processo ensino-aprendizagem para possibilitar uma formação significativa (aproxima o cotidiano, a comunidade e a prática social dos alunos aos saberes). - Conhecer, dialogar, registrar temas geradores e realizar os círculos de cultura. - Aprendizagem ocorra: significativa, participativa, autônoma. 		
CURRÍCULO	FORMAÇÃO BÁSICA Português Matemática e outras	FORMAÇÃO TÉCNICA Conhecimento para o mundo do trabalho, por exemplo.	FORMAÇÃO POLÍTICA Consciência crítica e reflexiva.
CONTEÚDOS	Trabalhados de forma interdisciplinar (integração de temas diferentes, disciplinas diferentes) e multidisciplinar (diferentes temas na mesma disciplina)		
FINALIDADE DO PROJETO	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e experimentar uma metodologia inovadora à EJA, baseados nos pressupostos da Educação Popular definidos por Paulo Freire. - Superar a escola que encerra função em si mesma. - Trabalhar com maior importância os conhecimentos sobre a vida desses sujeitos. - Propor maior valorização da cultura local, como ponto de partida para a cultura geral. 		
PERFIL DOS ALUNOS	<ul style="list-style-type: none"> - Oriundos de classes populares; - Estudam em escolas públicas; - Lutam contra a exclusão social, na busca da sobrevivência e inserção no mundo do trabalho; - Não conseguiram ser promovidos de uma série a outra; - Não ingressaram na escola em tempo convencional; - Possuem o cognitivo com ritmos de aprendizagens diferentes entre o jovem, o adulto e o idoso; - Vivem culturalmente realidades diferentes: jovens, adultos e idosos. 		

7.2.1 Estratégias propostas pelos docentes

Os professores demonstraram muito interesse em discutir e propor as ações estratégicas. Não escondem a angústia de perceber algumas impossibilidades e a impotência frente ao descaso do Poder Público com a EJA, principalmente da própria Secretaria Municipal de Educação. Houve a participação dos quatro docentes das turmas da EJA. Chega um momento que esses estudantes precisam retornar para a escola para se aperfeiçoar, buscar novos conhecimentos, melhorar seu currículo para terem novas oportunidades no mercado de trabalho.

É preciso, portanto, que o currículo da EJA seja diversificado, que contemple todas as disciplinas básicas e que a escola valorize e aproveite as experiências de vida dos estudantes. Que esse conhecimento informal possa ser introduzido nas disciplinas do

currículo para que a aprendizagem se torne mais significativa e prazerosa. Na Tabela 5 estão sintetizadas as propostas elaboradas pelos professores como produto da oficina:

TABELA 5: Estratégias propostas pelos professores

DIMENSÕES	ESTRATÉGIAS
1. Princípios, valores e relações	Fortalecer princípios e valores: Disciplina Comprometimento Cordialidade Respeito ao próximo Acolher, motivar e manter os estudantes na escola O professor precisa conhecer melhor os estudantes e valorizá-los Diálogo entre professores e estudantes para maior interação.
2. Metodologia	Práticas pedagógicas inovadoras para a sala de aula: contextualizadas, que valoriza a vivência do estudante. Diálogo do professor dentro do contexto educacional sociocultural. Adaptação da metodologia ao público da EJA. Professores criativos: formação continuada. Abolir métodos e linguagem de tratamento infantilizados.
3. Fracasso escolar: baixo rendimento e reprovação	Melhoria na aprendizagem. Buscar o desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do estudante, como cidadão e profissional de qualidade. Criar projeto de intervenção e incentivo. Buscar um ensino de qualidade para maior motivação dos estudantes.
4. Currículo	Repensar o processo de alfabetização e letramento. EJA: público específico, com características próprias. Necessidade de adaptação do currículo para atender o público da EJA.

7.3 OFICINA 4 (23/04/19): Encontro com a Gestão Pedagógica

Após as oficinas com os docentes, para discussão dos dados coletados sobre as causas para um possível abandono dos estudantes, e levantamento de estratégias dos professores com a finalidade de criar possibilidades para que o discente permaneça e conclua o curso, houve um encontro com a Gestão Pedagógica — coordenação e direção.

O objetivo deste encontro foi repassar à gestão os resultados sobre as discussões, bem como as estratégias levantadas pelos professores as possibilidades de implementação de cada uma, a fim de garantir a contribuição para a prática pedagógica, dando condições

para o acesso, permanência e conclusão do estudante, no que diz respeito aos fatores internos e/ou externos que a escola tenha acesso à mudança.

A Gestão Pedagógica discutiu com muito interesse cada estratégia apontada e demonstrou empenho em implementá-las. Pontuou sobre a importância de acolher as sugestões e apoiar os docentes na busca do bem estar e no bom desempenho de cada estudante.

A equipe apresenta a modalidade como carente de investimentos, e que estão dispostos a continuar na luta pela preservação da Educação de Jovens e Adultos. Demonstrou bem comprometida com a EJA para que seja garantido um ensino de qualidade, e que seja possibilitada a permanência e a conclusão do curso.

7.4 OFICINA 5 (20/09/19): Pactuando as ações com a Gestão Pedagógica

Este encontro com a Gestão Pedagógica, representada pela coordenadora geral, teve por finalidade refletir sobre as estratégias apontadas pelos professores para o combate e prevenção ao abandono escolar do estudante da EJA, e propor ações concretas para a implementação de cada uma delas.

Ao elencar as ações concretas, ficou definido que seriam apontados como atores/setores envolvidos: estudantes, professores, equipe da gestão pedagógica, funcionários dos diversos setores da escola e comunidade escolar. Entende-se como comunidade escolar: pais, responsáveis, familiares dos estudantes e outros setores como posto de saúde e associação de bairro. A seguir consta a tabela que transforma em ações concretas as estratégias indicadas como produto da oficina feita com os docentes, que foram apresentadas na tabela 5.

TABELA 6: Ações concretas para implementação das estratégias apontadas pelos docentes

AÇÕES	DIMENSÕES CONTEMPLADAS	ATORES/SETORES ENVOLVIDOS
Projetos abordando os temas: discriminação social e racial, diversidade, violência, desrespeito ao ser humano, valorização do ser humano.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, estudantes, demais funcionários da escola
Oficina de produção textual utilizando as tecnologias digitais, a partir da experiência do estudante e da sua história de vida.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Formação continuada dos professores para utilização das tecnologias como prática inovadora.	2, 3, 4	Diretoria regional, gestão pedagógica, professores, convidados palestrantes
Produção oral: partilha das vivências dos estudantes x vivências de professores; partilha de experiência dos estudantes mais velhos; estudantes com experiência específica em determinada área; partilha de pessoas que voltaram a estudar e foram bem sucedidos; as funcionárias da escola que, depois de estudarem, tiveram a possibilidade de sair da faxina para a função de auxiliar de apoio ao educando e monitor da Escola Integrada.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, estudantes, funcionários de outro setores da escola, convidados da comunidade e de outros espaços
Formação continuada para que os funcionários da escola possam se reconhecer como educadores; compreendam o seu papel no processo e aprendizagem dos estudantes; valorizem o estudante da EJA: quem é este sujeito e por que está aqui.	1, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, funcionários de todos os segmentos: cantina, limpeza, secretaria, biblioteca, secretaria, mecanografia, portaria, informática; monitores da Escola Integrada e Aberta
Rever os horários de atendimento de cada setor como secretaria, laboratório de informática e biblioteca para que o estudante se sinta pertencido a estes espaços.	1, 3, 4	Gestão pedagógica, funcionários da secretaria, da biblioteca e do laboratório de informática
Utilização da biblioteca, do auditório e do laboratório de informática, e demais espaços da escola como espaço de aprendizagem	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Motivar e propiciar a participação dos estudantes da EJA nas comemorações e projetos do ensino regular, tais como Festa da Família, Festa Junina, Mostra Cultural, Semana do Estudante, BH Educa.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Promover gincanas e jogos educativos envolvendo as áreas de conhecimento de forma multidisciplinar, como gincana da matemática e jogos de alfabetização e letramento.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Promover o protagonismo do estudante através de oficinas de artesanato e outras, ministradas pelos próprios estudantes.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes

Convidar pessoas da comunidade escolar ou de outros setores, como saúde, por exemplo, para palestrar sobre motivação, empreendedorismo, cidadania, discriminação social e racial, respeito às diferenças, violência contra mulher.	1, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, demais funcionários, estudantes, comunidade escolar, convidados palestrantes
Integrar os estudantes nos projetos das Escola Aberta, que acontecem na escola durante a semana, como oficina de manicure e depilação, biscuit, futebol, informática e artes marciais.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, estudantes, monitores da Escola Aberta
Avaliação semanal com os docentes de cada ação que está sendo realizada para a melhoria e desenvolvimento da aprendizagem.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores
Turmas flexíveis periodicamente, por área de conhecimento, para reforço escolar e intervenção do professor.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Ações em conjunto com profissionais da psicologia, pesquisadores da universidade e outros, para contribuir na prática do professor, para melhoria no processo ensino-aprendizagem.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, estudantes, pesquisadores, psicólogos e outros parceiros
Momentos culturais em diversos espaços de educação, tais como: museus, feiras, exposições.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Utilizar-se da capoeira como estratégia para construção e manutenção de valores como disciplina e ética, elevação da autoestima, dentre outros.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores, estudantes, monitores da Escola Aberta
Avaliação, ao final da etapa, da escola, gestão e docentes, com a participação dos estudantes e profissionais da escola.	1, 2, 3, 4	Gestão pedagógica, professores e estudantes
Autoavaliação do estudante, ao final de cada etapa.	1, 2, 3, 4	Estudantes
Monitoramento sistemático de frequência com encaminhamentos mensais.	1, 3, 4	Gestão pedagógica, professores

8 REFLEXÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

8.1 Avaliação dos dados coletados

Avaliando os resultados dos dados coletados, a partir das oficinas, percebe-se a necessidade do professor e gestão pedagógica refletirem sobre as ações da escola. Para implementação de cada estratégia pelos docentes, foram sugeridas algumas ações concretas.

A concepção pedagógica, a metodologia e o currículo da Educação de Jovens e Adultos são apontados como um dos fatores que acabam por desmotivar o estudante. Geralmente, os professores adotam métodos de ensino infantilizado, com linguagem e tratamento ao discente inapropriado. Desconsideram a realidade sociocultural e as ricas vivências que o educando traz consigo. “Na verdade, a compreensão do currículo abarca a vida mesmo da escola, o que nela se faz ou não se faz, as relações entre todos e todas as que fazem a escola. Abarca a força de ideologia e sua representação não só enquanto ideias, mas como prática concreta.”(FREIRE, 2006, p.123)

A abertura de um espaço para a fala, para a manifestação desses sujeitos, cujas trajetórias de vida e de escolarização são caracterizadas, normalmente, pela ausência desse espaço, o fato de dispor-se a ouvi-los e, mais que isso, se interessar pelo que tinham a dizer sobre si mesmos parece ter surtido um efeito bastante positivo. Isso os fez perceber que tinham o que dizer e que o conteúdo de suas falas era importante na medida em que os revelava para os outros e para si mesmos, sendo incorporado ao processo de ensino/aprendizagem que ali se desenvolvia (FREIRE, 2003, p. 23).

Paiva (2004) aponta a necessidade de reflexão e reformulação do currículo, pois os jovens e adultos são submetidos a propostas pedagógicas descontextualizadas. O currículo tende à fragmentação do saber, dividido por disciplinas,

numa perspectiva cientificista, excessivamente tecnicista e disciplinarista, que dificulta o estabelecimento de diálogos entre as experiências vivenciadas e os saberes anteriormente tecidos pelos educandos e os conteúdos escolares. No caso da EJA, outro agravante se interpõe e se relaciona com o fato de que a idade e vivência social e cultural dos educandos é ignorada, mantendo-se nessas propostas a lógica infantil dos currículos destinados às crianças que frequentam a escola regular (PAIVA, 2004, p. 103 e 105).

Para Freire (2006) mudar o currículo é mudar a cara da escola. E uma mudança curricular não acontece da noite para o dia e nem pode ser autoritária, pelo contrário, deve ser construída democraticamente. A escola deve ser séria, e não sisuda, e que se dedique ao ensino de forma competente, mas ao mesmo tempo cheia de alegria. A escola deve ser um espaço realmente popular, que atenda as necessidades do estudante e não o expulse

dali. É necessário ouvir todos os segmentos da escola e da comunidade de como veem a escola e de como gostariam que fosse, sobre o que se ensina ou não e como se ensina, tudo com respeito à liberdade e à dignidade.

Professores que utilizam de materiais e exercícios para crianças na EJA, ignorando a idade e os processos vivenciados por estes estudantes. Juntamente com a materialidade, a linguagem infantilizada e até mesmo o tratamento pessoal com o uso de diminutivos, como se fossem “coitadinhos” por não poderem frequentar a escola no tempo apontado pela legislação, perdendo a possibilidade de valorização da rica cultura que traz em suas vivências e saberes não escolarizados. Organizam suas práticas esquecendo os valores, ideias e concepções do público, que no caso da EJA, também requer metodologias, currículos, objetivos e organizações específicos.

Segundo nos ensina Soares (2005), a EJA é compreendida como um conjunto de processos políticos e educacionais para jovens e adultos, que trazem consigo uma diversidade cultural de experiências construídas historicamente.

[...] os jovens e adultos, em toda e qualquer sociedade, vivenciam múltiplas e diferentes experiências sociais humanas. Sendo assim, suas temporalidades, trajetórias, vivências e aprendizagens não são as mesmas, e, mesmo que participem de processos socioeconômicos, políticos e educativos semelhantes, esses sujeitos atribuem significados e sentidos diversos à vida, à sociedade e às práticas sociais das quais participam no seu cotidiano. Esse processo está intimamente relacionado com a vivência do seu ciclo/idade social de formação. (SOARES, 2005, p. 87-88)

O professor deve buscar um currículo multicultural, que ofereça a inter e a multidisciplinaridade. Enriquecer suas aulas com as experiências dos estudantes, valorizando-as e criando possibilidades de aprendizagem a partir das informações que ele leva para a sala de aula, de forma que aprenda novos saberes, reflita sobre suas ações, criticando e transformando o mundo em que vive.

Assim, refletir sobre as necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos é um fator de extrema relevância, já que os programas de alfabetização de adultos devem objetivar a participação dos sujeitos não alfabetizados nas práticas de leitura e escrita numa sociedade letrada. Atender às necessidades de adultos em processo de alfabetização é também garantir o sucesso no processo de aprendizagem. Daí a importância de definir conceitos, garantir propostas curriculares, projetos político-pedagógicos que a coadunem com as reais necessidades dos alfabetizandos. (SOARES, 2003, p.60)

Freire (2006) adverte sobre a importância do educador participar de formações que lhe permitem a reflexão sobre a sua prática. O espaço de formação permite o confronto e a superação dos equívocos do educador. Refletir sobre o que ensinar, a quem, a favor de

que, de quem, contra que, contra quem, como ensinar, quem decide o que ensinar, a participação nas discussões dos educandos, pais, professores e representantes dos movimentos populares. "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática" (FREIRE, 2006, p.58).

Para isto, o professor da EJA precisa, como nos ensina a Pedagogia Freiriana, refletir suas ações e práticas pedagógicas, buscando metodologias contextualizadas, dinâmicas e flexíveis para que suas aulas sejam mais atrativas e interessantes para este público tão diferenciado. O sujeito precisa ter a possibilidade para fazer uma conexão entre o saber escolarizado e suas experiências e interesses para dar-lhe um significado, pois é a partir desta significação que o saber acontece.

Garantir a especificidade do processo de alfabetização de adultos significa elaborar propostas que considerem a realidade e o saber do alfabetizando adulto. Isso representará também a possibilidade de diálogo com as necessidades apontadas por esses sujeitos, considerando sua legitimidade na elaboração e na implementação das propostas, propiciando ainda a percepção do educando como educador e do educador como educando. Não seria o caso de adequar os sujeitos, enquadrá-los ou rotulá-los de analfabetos, atribuindo à essa palavra o sentido marginal que nela percebemos na sociedade, mas, sim, levá-los a reconhecerem-se como sujeitos ativos no processo, que podem atuar e participar na construção de uma escola que reconheça a especificidade da alfabetização de adultos (SOARES, 2003, p. 59).

É imprescindível a construção de um espaço acolhedor na escola para educandos, educadores, gestão, demais funcionários, bem como para toda a comunidade escolar.

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores, e à prática pedagógica (FREIRE, 1996, p. 34).

Os estudantes trabalhadores chegam na escola cansados, e às vezes, com fome; alguns enfrentam o descaso familiar com relação aos seus estudos, pois para estes não faz sentido o retorno aos bancos escolares, já que não o fizeram na idade dita como a certa. Outros estudantes não têm o apoio do marido que as criticam e as pressionam para desistirem e fiquem em casa cuidando dos afazeres domésticos e olhando os netos. Enfrentam as doenças comuns do envelhecimento, como a hipertensão e a diabetes, e precisam lidar com os conflitos geracional na turma, no qual adolescentes e jovens se mostram impacientes e críticos às atitudes do adulto/idoso.

8.2 Avaliação Coletiva do Plano de Ação

A avaliação da intervenção deste Plano de Ação se deu por meio de roda de conversa com os estudantes e professores. Avaliou-se primeiramente com os estudantes, e posteriormente com os professores.

Foi solicitado à Gestão Pedagógica uma avaliação oral sobre a intervenção e a importância deste trabalho para a escola.

Os discentes consideraram que é muito importante preocupar com a permanência e conclusão de cada um deles, e pensar sobre as possibilidades de a escola ficar melhor para eles e para os professores também. Achem interessante o fato dos professores e Gestão Pedagógica ficarem sabendo do que tem incomodado os estudantes e buscar solução para isto.

Os docentes avaliaram os encontros de suma importância uma vez que levantaram estratégias para garantir a permanência e a conclusão do curso com qualidade. Dá um suporte ao professor em suas ações, para refletir sobre currículo, acolhida ao aluno, processo de alfabetização e letramento, de como inovar sua prática pedagógica, dentre outras questões.

A Gestão Pedagógica avaliou a intervenção enriquecedora uma vez que traz a possibilidade de melhoria na qualidade de educação na Educação de Jovens e Adultos, o que normalmente é sempre uma preocupação voltada apenas para o Ensino Fundamental e Médio.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freire (2006) preconiza que, como bons professores devemos ter a capacidade de recomeçar, de refazer, de reconstruir, de viver a vida como um processo; de viver a vida com energia, com alegria e esperança; de renascer na nossa prática docente. E é bem isso – a esperança e a capacidade de refazer – que nos motiva para pesquisar as práticas educativas, de como podemos oferecer uma educação com qualidade aos estudantes, deixando de lado os temores e enfrentando os desafios.

Foi muito satisfatório observar a participação e o empenho de todos os envolvidos nesta pesquisa, narrando, analisando, refletindo, discutindo e propondo estratégias, corroborando para a melhoria da educação. A possibilidade de construir as ações concretas para implementação de cada estratégia proposta pelos docentes, deixou uma contribuição assertiva para a escola. Haja vista que o objetivo deste trabalho é contribuir para a prática do professor alfabetizador, a partir do levantamento de estratégias para a obtenção do sucesso do estudante adulto/idoso, tendo em vista as interdições que o impedem de concluir.

Ao analisar os percalços enfrentados pelo alfabetizando adulto/idoso, como o constrangimento, a falta de incentivo familiar e as doenças próprias do envelhecimento, em busca de um sonho que, para muitos, já estava adormecido, constatamos o quanto é desafiador e determinante o papel da escola. Assim como do Poder Público, responsabilizando-se de suas obrigações previstas na legislação, como a implementação de políticas públicas que reconheçam os direitos dos estudantes de acesso, permanência e conclusão na EJA.

A fim de lograrem êxito no processo de alfabetização na EJA, é preciso refletir sobre as ações pedagógicas, planejando e replanejando, tendo em vista este público tão diversificado, que requer uma metodologia e um currículo que respeite as suas especificidades. Criar um ambiente na escola, com ações voltadas para uma educação de qualidade, bem como de sucesso para o estudante da EJA, é criar possibilidades para que ele ali permaneça e conclua seu curso. Ressalta-se que muitos que precisam desistir não têm mais a chance de retornar.

Durante este estudo percebemos que através de uma prática pedagógica humanizadora, que respeita a identidade cultural do estudante, a educação contribui para uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e menos discriminatória. Fica evidente a importância

da formação continuada, como promoção da reflexão dos professores sobre suas ações, pautados em uma teoria, que possibilita analisar o que é feito, como e o que pode ser melhorado a cada dia. O respeito aos envolvidos é responsável em criar um ambiente de aprendizagem para todos. Respeitar o tempo e a forma de aprender de cada um são condições para que o estudante da EJA se sinta pertencido neste processo que foi adiado por tantos anos.

Ao concluir este trabalho, inspirada em Freire, me sinto ainda mais motivada e cheia de esperança, para novas pesquisas sobre a Educação de Jovens e Adultos e seus processos de aprendizagens, a fim de contribuir para prática pedagógica dos docentes, bem como buscar conhecimentos que possibilite uma ação educativa com qualidade.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores**. São Paulo: Editora Arte Ciências, 1998.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BELO HORIZONTE. **Conselho Municipal de Belo Horizonte. Parecer n. 093-02**. Regulamenta a Educação de Jovens e Adultos nas escolas municipais de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2002.
- BELO HORIZONTE. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Francisca Alves/EMFAL**. Belo Horizonte, 2014.
- BELO HORIZONTE. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/glossario-ceale.html>. Disponível em: 28/11/19. Belo Horizonte, 2014.
- BORGES, Liana (Org). **Diálogos com Paulo Freire**. Teorias e práticas da Educação Popular. Tramandaí: Isis, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDBN. Lei n. 9394/96**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Parecer n.11/2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.
- CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.
- COSTA, Adriana Olival. **Formação Política e Trabalho: Uma proposta reflexiva de contextualização na Educação de Jovens e Adultos**. Campina Grande: Realize Editora, 2012.
- FARIA, Roselita Soares de. **Dissertação. Evasão e Permanência na EJA: Por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade de São Paulo**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MOREIRA, Valéria da Silva. **Monografia. Educação de Jovens e Adultos (EJA): uma reflexão sobre o abandono escolar**. Universidade de Brasília, 2014.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos. Resolução de 10 dezembro de 1948.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Disponível em: 28/11/19.

PAIVA, Jane (Org). **Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença – estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Leôncio. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte. Autêntica, 2005.